

A Violência no Cotidiano Escolar

Leila Maria Ferreira Salles
Joyce M. A. De Paula e Silva
Juan Carlos Revilla Castro
Concepción Fernandez Villanueva
Roberto Domínguez Bilbao

Resumo

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre os processos de interação que ocorrem no interior da escola que estão associados a situações de preconceitos e estigmas e desencadeiam conflitos e violência. O cotidiano escolar é marcado por uma violência que aparece na forma de segregação, exclusão e indiferença ao outro. É importante que se analise as práticas que são veiculadas no âmbito escolar buscando o desvelamento e não o acobertamento das práticas de discriminação e de intolerância que podem gerar violências entre os adolescentes e jovens no contexto escolar e entre estes e os educadores.

Palavras-chave: preconceitos; violência; escola

The violence in the daily school routine

Abstract

The present paper presents a reflection on the processes of interaction that take place inside the school. They are associated to situations of prejudice and stigma and they trigger conflicts and violence. The daily routine at schools is marked by violence such as segregation, exclusion and indifference to the other. It is important to analyze the practices transmitted in the school environment looking for the unveiling and not the covering of discrimination and intolerance that may generate violence among teenagers and youngsters in the school context and between students and educators.

Key words: prejudice; violence; school

Introdução

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre os processos de interação que ocorrem no interior da escola que estão associados a situações de preconceitos e estigmas e desencadeiam conflitos e violência. A partir desta discussão procuramos analisar em que aspectos a escola como organização e os profissionais que nela atuam podem intervir para a minimização do problema.

Partimos do princípio de que o cotidiano escolar é marcado pela violência que aparece na forma de segregação, exclusão e indiferença ao outro. No entan-

to, esses acontecimentos não são produzidos apenas ao nível individual e nem tampouco somente pelos alunos. Essas práticas são moldadas pelos valores, regras e princípios sociais adotados pelos diferentes atores, adultos e jovens, que se fazem presentes no contexto escolar. As diferenças são produzidas socialmente e se vinculam às relações de poder que permitem incluir ou excluir pessoas, demarcar fronteiras, diferenciar entre o nós e o eles.

Os valores sociais invadem a escola e não sendo discutidos educativamente contribuem para a formação de preconceitos. É importante, assim, que se analise as práticas, valores e informações que são veiculadas no âmbito escolar buscando o desvelamento e não o acobertamento das práticas de discriminação e de intolerância que podem gerar violências entre os adolescentes e jovens no contexto escolar e entre estes e os adultos.

A Violência No Cotidiano Escolar

Em geral, violência é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. A violência pode se manifestar por signos ou por símbolos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica. Os atos agressivos implicam em condutas ou comportamentos de dano, de menosprezo, de desdém, de ataques á integridade física, social, simbólica, psicológica ou patrimonial do outro.

Fernández-Villanueva (1998, p. 46) afirma que a violência se caracteriza por um tipo específico de relações sociais que para serem mantidas precisa de uma ameaça latente ou explícita. Segundo Velho (2000) violência não se limita ao uso da força física, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui dimensão fundamental de sua natureza. O autor a associa a uma idéia de poder quando enfatiza que a violência está relacionada a possibilidade de imposição de vontade, desejo ou projeto de um ator sobre o outro.

Hoje a violência, segundo depoimentos de jovens e adultos, registros de ocorrência pelas Diretorias de Ensino e rondas escolares, noticiários e reportagens na mídia, está cada vez mais presente, na sociedade, na vida do jovem e nas escolas.

A violência faz parte do cotidiano do jovem. Muitos deles destacam que ela está se tornando cada vez mais freqüente no seu dia-a-dia e que, muitas vezes, nem se reconhece mais, pequenos atos como violentos. Na medida em

que esses pequenos atos passam a serem considerados normais, devido à sua frequência, acaba-se banalizando a violência, o que contribui para atitudes de agressão e de desrespeito ao outro.

A violência faz parte, também, do cotidiano da escola. No cotidiano escolar as pequenas violências ou as pequenas agressões do cotidiano se repetem sem parar como a falta de polidez, a transgressão aos códigos de boas maneiras ou a ordem estabelecida o que difere da violência das condutas criminosas ou delinquentes (DEBARBIEUX, 2001; CAMACHO, 2001, SALLES e SILVA, 2005)

No âmbito escolar a violência é atribuída a fatores relacionados à ordem social mais ampla que, no entanto, repercutem na escola, como a exclusão social (MINAYO, 1993; BURSTYN, 2000, PEGORARO, 2002), a deslegitimação da política e das instituições sociais (FERNANDEZ VILLANUEVA ET AL, 1998), as ideologias autoritárias e as dificuldades de definição e percepção do futuro (TAVARES DOS SANTOS, 2001) e a identidade social (FERNANDEZ VILLANUEVA, ET AL., 1998; ZALUAR, 1997). A violência no contexto escolar também pode ser desencadeada pelos estereótipos dos adultos em relação ao jovem e ao adolescente (SALLES, 1998) e pelos preconceitos, discriminações e estigmas que, embora sejam de origem social, adentram o espaço escolar (SALLES e SILVA, 2008, CAMACHO, 2001)

Somam-se a esses fatores outros mais diretamente vinculados à escola, como a perda da crença na legitimidade da escola e a deslegitimação dos diplomas (WILLIS, 1988, PERALVA, 1997, BOURDIEU, 1999, MOLPECERES, LUCAS E PONS, 2000, CHARLOT, 2002), a percepção de que é difícil atingir os objetivos preconizados pela escola como status e ascensão social (DUBET, 2003), a exclusão na convivência escolar (DIAZ AGUADO, 1996, 2002, 2003), o assédio das escolas pelo narcotráfico (CANDAU, 1999, 2001)

É nesse sentido que Charlot (2002) distingue a violência na escola, violência à escola e violência da escola. Segundo Charlot (2002) a violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola que se expressa na composição das classes, na atribuição de notas, nas palavras ofensivas dirigidas aos alunos pelos educadores e nos atos efetuados por eles que são considerados pelos alunos como injustos ou racistas. Esse autor argumenta que esta distinção é importante no sentido de que se a escola é em grande medida impotente com respeito à violência na escola, isto é, à violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito a violência da escola e à escola, como aquela que se manifesta por meio de preconceitos, racismo e segregação.

Preconceitos, Racismo E Segregação Como Manifestação Da Violência No Âmbito Escolar

A segregação, a exclusão e indiferença ao outro é uma das formas pela qual a violência se manifesta no cotidiano escolar. Alguns estudos sobre a violência na escola têm, então, procurado tratar desta questão.

Uma destas pesquisas é a realizada por Camacho (2001). A autora pesquisou as práticas violentas em duas escolas, uma pública e outra privada (religiosa), consideradas não violentas e modelos de escola. A pesquisa foi feita com alunos da 5ª a 8ª série, de 12 a 15 anos de idade, pertencentes à classe média e à elite. Segundo a autora, a violência aparece de forma diferente em cada uma dessas escolas. Na escola privada a violência surge na sala de aula, na frente dos professores. Desse modo, ela aparece sob uma forma disfarçada, mascarada ou implícita. Nesta escola os agredidos, excluídos e rejeitados são os diferentes da maioria, seja por marcas culturais ou pelo corpo. Os agressores são os socialmente capacitados que praticam a violência aos diferentes. É uma violência que surge pela intolerância ao diferente, pela rejeição aos intrusos, que discrimina os pobres ou os ricos demais, os negros, os homossexuais, os bons alunos, os maus alunos, os novatos, os gordos e os feios. O diferente é transformado no desigual e no inferior. A diferença social gera intolerância, preconceito, discriminação e racismo. Diferentemente, na escola pública, a violência predomina nos pátios, nos corredores e nas calçadas em frente ao prédio, onde em geral, o adulto não está presente. Aqui se dá uma violência não mascarada, ou seja, a violência de forma explícita. Nesta escola, segundo a autora, os agressores são os diferentes, aqueles que não se integram ao projeto pedagógico da escola, os que não querem estudar, os indisciplinados, os bagunceiros, os maus alunos, os que atrapalham, os pichadores, os violentos, os homossexuais, os negros, os que infernizam a vida da escola. Os diferentes, sozinhos ou em grupos, respondem à agressão que sofrem agredindo os que os discriminam, e ressaltando suas diferenças, exagerando um estilo como o jeito de andar, de vestir, de falar e de se comportar.

Também no estudo realizado por nós com jovens de escolas públicas a questão dos preconceitos e do racismo está presente enquanto uma dimensão da violência no cotidiano escolar. Esses preconceitos se manifestam tanto nas relações que os alunos estabelecem entre si como nas interações entre os alunos e os profissionais da escola - docentes, gestores e funcionários.

No estudo que realizamos foram feitas entrevistas focais com dois gru-

pos de jovens. O primeiro grupo, Grupo V, foi constituído por jovens indicados pela equipe gestora da escola como protagonistas de violência na escola. Este grupo ficou constituído por 8 alunos, destes 6 eram do sexo masculino e 2 do sexo feminino, com idades entre 15 e 17 anos. O segundo grupo, Grupo NV, também indicado pela equipe gestora, foi integrado por alunos considerados não violentos. O Grupo 2 foi integrado por 9 alunos, sendo 3 alunos do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idades entre 15 e 17 anos. Foi solicitado a cada participante do grupo que se posicionasse frente a temas que foram propostos pelos pesquisadores e se procurou incentivar a discussão entre eles a respeito de cada temática.

Nos depoimentos dos alunos há referências aos preconceitos, as discriminações e as intolerâncias que permeiam os seus relacionamentos.

Agora tem mais violência sobre racismo, muita gente xingando a gente de macaco, qualquer coisinha é porque é preto (aluno 1, V)

Se entra alguém gótico aqui, todo de preto, todo mundo vai, a maioria do pessoal, vai isolar ele (aluno 1, NV)

Tem uma menina que eu acho que esta menina é perseguida pela escola inteira porque ela é gótica. Eu achava que ela era uma menina assim, mó trevas, mó satânica. Ai eu olhava pra ela e não tinha amizade com ela. (aluno 2, NV)

Tem uma pessoa que é diferente e, acho que todo mundo conhece, por causa do jeito dela se vestir e o cabelo dela. Ela é lésbica. Ela se veste igual homem. Ela parece um menino mesmo (aluno 3, NV).

Os preconceitos, as discriminações e as intolerâncias foram constantemente lembrados pelos jovens do Grupo NV como um dos fatores que explica a violência.

Os jovens dos dois grupos falam também do desrespeito que marca as relações entre eles e os adultos no âmbito escolar, como exemplificado por esse depoimento:

Que nem hoje, eu estava lá em cima. Tem as salas lá em cima. Eu estava fazendo exercício lá. Estava vazia eu fui fazer exercício. Aí a coordenadora foi lá. Ela pegou achou que a gente estava usando droga. Aí ela pegou e falou só para mim: estende seus braços. Ela achou que eu estava usando droga. Eu nunca usei droga na minha vida. Aí vai revoltando, né? Ela perguntou para mim só. É preconceito dela. Por racismo, sei lá. (aluno 2, V)

Quando questionado sobre como percebia essa situação o aluno responde que para ele a atitude da coordenadora era motivada pelo fato de que, do grupo de alunos, ele era o único que era negro. Uma aluna participante do Grupo NV conta:

Teve uma época que tinha um professor substituto na sala e eu curto tudo, sou fanqueira, gosto de rap, rock, pagode, tudo. Então eu estava, eu sempre gostei de ficar no fundo, cantando sempre foi assim. Então este professor chegou, a gente estava cantando baixinho lá no fundo, ele veio brigar comigo. Ele falou que eu era maloqueira, que eu era viciada, que eu não fazia nada da vida. Começou a me xingar só porque eu estava cantando rap. Só porque eu estava com uma toca na cabeça, que era época de frio, ele veio falando para mim: você não presta porque você anda com maconheiros (aluno 5, NV).

As situações como as descritas acima remetem à questão da pluralidade cultural e da construção de identidades dos jovens. Os estereótipos que são construídos em relação ao jovem podem acabar por desencadear conflitos entre eles próprios, e entre eles e os adultos, no caso direção, professores e funcionários da escola.

Além disso, quando os indivíduos são reduzidos aos estereótipos a sociedade constrói teorias ou ideologias para explicar essa diferença e justificar a discriminação.

Considerações Finais

As diferenças e os estereótipos presentes no cotidiano escolar determinam formas de ação e são um dos aspectos que o constitui. Isto é apontado inclusive pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) sobre a pluralidade cultural que buscam analisar essa problemática.

Os PCNs sobre a pluralidade cultural indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de compreender a cidadania como participação social e política, adotando atitudes de solidariedade, de cooperação, de repúdio às injustiças e de respeito ao outro. Nos PCNs enfatiza-se a importância de se conhecer e valorizar a pluralidade cultural brasileira procedentes das diferentes etnias, culturas, e grupos sociais que convivem no Brasil. Também é solicitado aos docentes e alunos que analisem e critiquem as relações sociais discriminatórias e que se afirme a diversidade como traço fundamental na cons-

trução da identidade nacional brasileira. O respeito ao outro, seja ele quem for, ou quanto for diferente de nós, é sublinhado.

Os privilégios, conforme afirmado nos PCNs, são fundamentados em discriminações e preconceitos socioeconômicos, étnicos e culturais. No âmbito escolar estes se manifestam na forma de racismo e/ou de discriminação social e étnica por parte de professores, alunos e equipe escolar. Em geral, as escolas adotam uma perspectiva de um Brasil sem diferenças o que contribui para a consolidação de estigmas. Assim, nos PCNs é proposto que a escola fortaleça a cultura de cada grupo social e étnico promovendo seu conhecimento e valorizando-o para fortalecer a igualdade, a democracia e a cidadania. Cabe ao professor gerar nos alunos atitudes éticas que valorizem a dignidade, a justiça e a igualdade entre as pessoas e entre os diferentes grupos sociais.

As questões da pluralidade cultural, do multiculturalismo e da diferença tornaram-se então uma temática presente na educação e na formação dos professores como um dos temas transversais. As diferenças são reconhecidas como legítimas e há um apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e para com a diferença.

Porem, como consolidar práticas nesse sentido, se como vimos os preconceitos, o racismo e a intolerância estão presentes nas escolas como uma forma pela qual a violência se manifesta no âmbito escolar? E, como mostram os depoimentos, atitudes deste tipo não são exclusivas das relações entre os alunos, já que podem ser identificadas nas relações que os educadores estabelecem com eles. Também, o que significa reconhecer a diferença como legítima e propor às escolas a problematização da diferença?

Essas e outras indagações devem, então, ser colocadas. Inclusive, apenas a afirmação da tolerância e do respeito pode impedir de se ver a diferença entre nós/eles como um processo de produção social que envolve relações de poder e que, portanto, não são resolvidas somente pelo diálogo.

Referencias

BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes. 1999

BURSTYN, M, (Org.) *No meio da rua. Nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CAMACHO, L.M.Y. *A violência nas práticas escolares de adolescentes*. ANPED-CDROOM, GT Sociologia da Educação, 2001.

- CANDAU, V. M. Escola e violência. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.
- CANDAU, V. M. Reinventar a escola. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias* n.8 Porto Alegre jul./dez. 2002.
- DEBARBIEUX, E. *A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto.(1967-1997).Educação e Pesquisa*, Jan/jun, v.27, n.1, p. 163-193, 2001.
- DIAZ-AGUADO, M. J. (Dir. Programas de educación para la tolerancia y prevención de la violencia en los jóvenes. Madrid: Instituto de la Juventud, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 1996. (Cuatro volúmenes y dos vídeos).
- DIAZ-AGUADO, M. J Convivencia escolar y prevención de la violencia. Página web del Centro Nacional de Información y Comunicación Educativa., [http://www.cnice.mecd.es/recursos2/convivencia escolar](http://www.cnice.mecd.es/recursos2/convivencia_escolar), 2002.
- DIAZ-AGUADO, M. J. (Dir.) Programas de prevención de la “ violencia y la exclusión social. Madrid: Instituto de la Juventud, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2003 (Tres libros y un vídeo).
- DUBET, F. A escola e a exclusão. *Cadernos de Pesquisa*, n.119, p. 29-45, 2003
- FERNÁNDEZ-VILLANUEVA, C., DOMÍNGUEZ, R., REVILLA, J. C., y GIMENO, L. Jóvenes violentos: causas psicosociológicas de la violencia en grupo. Barcelona: Icaria, 1998.
- MOLPECERES, M.; LUCAS, A.; PONS, D. Experiencia escolar y orientación hacia la autoridad institucional en la adolescencia. *Revista de Psicología Social*, v.15, n.2, p 87-105, 2000.
- MINAYO, M.C.S. (Org). O limite da exclusão social: meninos e meninas de rua no Brasil. São Paulo: Hucitec,1993.
- PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Pluralidade cultural: orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental 2ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- PEGORARO, J. S. Notas sobre los jóvenes portadores de la violencia juvenil en el marco de las sociedades pos-industriales. *Sociologias*, n. 8, Dic, 2002, pp.276-317
- PERALVA, 1997, PERALVA, A.T. O jovem como modelo cultural. Juventude e Contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. São Paulo, n. 5/6, mai/dez, p. 15-24, 1997.
- SALLES, L M. F. Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba, SP: Ed. UNIMEP, 1998.

- SALLES, L. M. F; SILVA, J. M. A de P. Diferenças Culturais, Preconceitos e Violência: elementos de reflexão para a ação dos profissionais da educação na escola. // *Congresso Ibero-Americano de Violência nas Escolas*. Belém, Pará, 2005. pp. 1-10.
- SALLES, L. M. F; SILVA, J. M. A de P. Diferenças, Preconceitos e Violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos de Educação* (UFPel), 2008 (prelo)
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.27, jan./jun. 2001, pp.105-122.
- VELHO, G; ALVITO, M. (Orgs). Cidadania e Violência. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editoras UFRJ/FGV, 2000.
- WILLIS, P. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução*. Porto Alegre: Artmed, 1988.
- ZALUAR, A. Da revolta ao crime. São Paulo: Moderna, 1997.

Leila Maria Ferreira Salles
Docente da UNESP - Universidade Estadual Paulista -
Instituto de Biociências - Depto. de Educação - Rio Claro
Av. 24-A, 1515 - Bela Vista
CEP: 13506-900 - Rio Claro - SP
E-mail: leila@rc.unesp.br

Joyce Mary Adam de Paula e Silva
Docente da UNESP - Universidade Estadual Paulista -
Instituto de Biociências - Depto. de Educação - Rio Claro
E-mail: joyce@rc.unesp.br

Juan Carlos Revilla Castro
Docente de la Universidad Complutense de Madrid
E-mail: jcrevilla@cps.ucm.es

Concepción Fernández Villanueva
Docente de la Universidad Complutense de Madrid
E-mail: infocps@cps.ucm.es

Roberto Domínguez Bilbao
Docente de la Universidad Rey Juan Carlos de Madrid
E-mail: roberto.dominguez.bilbao@urjc.es
